

O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA HISTÓRIA, AVALIAÇÃO E IMPORTÂNCIA

Lana Cristina Potocky (UNIGRANRIO)

lcopn@ig.com.br

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO)

professorvilaca@gmail.com

1. Introdução

Os materiais didáticos podem ser grandes aliados dos professores. Contudo, sua estrutura pode supor uma segurança inexistente, já que a diversificada utilização em sala de aula poderá gerar resultados diferentes. Faz-se necessário a observação de alguns aspectos importantes e úteis na avaliação e escolha deste material. Neste trabalho, pretendo apresentar uma pesquisa voltada ao conceito de material didático, sua história e importância em sala de aula. Abordarei também alguns aspectos sobre a avaliação.

No processo pedagógico o professor tem como aliado vários recursos que o ajudam a apresentar o conteúdo da língua alvo. A muitos desses recursos, podemos dar o nome de materiais didáticos. Alguns autores como Tílio (2008) e Menezes (2009) concordam que o livro didático é o principal material que professores dispõem no processo de ensino/aprendizagem, pois atua como mediador na construção do conhecimento embora, muitas vezes, seja o único recurso utilizado dependendo da realidade social onde está sendo empregado. Este importante instrumento de trabalho tem feito parte de várias culturas e acompanhado o desenvolvimento de milhões de crianças mundo afora.

2. O material didático

Mas o que vem exatamente a ser material didático? Tomlinson (1998, p. 2) aponta que muitas pessoas relacionam o termo *language-learning materials* (materiais para aprendizagem de línguas) com livros didáticos para cursos de línguas. Isto é provocado pelo fato de o livro didático representar a maior experiência dos professores e alunos com uso de materiais. Contudo, a compreensão de materiais didáticos é bem mais abrangente e pode se referir a todo material empregado com fins didáticos pelo professor ou pelo aprendiz de forma a contribuir para a aprendi-

zagem, o uso e o contato de uma língua. Em síntese, conforme discutido por Vilaça (2009), o objetivo básico do material didático é facilitar a aprendizagem. Dessa forma, os materiais podem ser variados, tais como vídeos, CD-ROMs, dicionários, gramáticas, textos, livros de exercício e exercícios fotocopiados (TOMLINSON, 2004; VILAÇA, 2011). Podemos incluir ainda jornais, embalagens de produtos, fotografias, conversas gravadas de nativos, discussões em sala de aula.

Assim, é importante reconhecer que podemos empregar como materiais didáticos materiais que não foram produzidos com esta finalidade. Exemplos comuns são: músicas, filmes, jornais, imagens. Neste caso, o uso didático é atribuído pelo professor ao observar possíveis contribuições destes materiais para a aprendizagem ou uso da língua. Muitas vezes este uso é motivado para promover o contato dos alunos com textos (escritos e orais) autênticos. De acordo com Coracini (2011, p. 18) a utilização de textos autênticos escritos para os leitores do país onde se fala a língua estrangeira, também é uma boa opção para ser trabalhada em sala, pois o aluno estaria mais apto a enfrentar a comunicação escrita no país da língua alvo.

Resumindo, material é tudo aquilo que for usado para enriquecer e facilitar o aprendizado, bem como a experiência com a língua-alvo (TOMLINSON, 2005 e VILAÇA, 2009). Ter esse conceito em mente pode ajudar os professores a perceberem que podem e devem utilizar tantos materiais quanto for possível de forma a enriquecer as experiências com a língua-alvo.

Segundo Tílio (2008, p. 73), são muitas as vantagens do uso de livros didáticos. Entre elas, podemos dizer que eles podem promover uma visão organizada da disciplina, facilitar o trabalho do professor auxiliando o ensino e, dependendo de como for utilizado, influenciar na formação social do aluno. Assim, no caso das línguas estrangeiras, o livro didático não pode ser visto apenas como um portador ou guardião de conteúdos gramaticais, léxico e textos. Questões sociais e culturais também podem ser examinadas em livros didáticos.

Observamos que o material didático serve de base não apenas para os professores que buscam nele o conteúdo a ser ensinado, mas também aos alunos que nele encontram a referência da matéria a ser estudada. Logo, é necessária uma avaliação prévia do material que será utilizado com base em características do contexto a ser empregado, buscando

identificar uma ideia geral de suas possibilidades, pontos fracos e fortes. Assim, poderá promover uma real contribuição à prática pedagógica.

3. *A avaliação*

Considerando os múltiplos papéis possíveis para os materiais didáticos, é necessário que estes sejam avaliados. Busca-se basicamente verificar a qualidade do material, suas potencialidades, suas vantagens e desvantagens. Isto não é tarefa fácil. Vilaça (2010, p. 68) afirma que a adequação do material:

É sempre parcial, uma vez que a quantidade de fatores envolvidos impossibilita que um material se “encaixe como uma luva” no contexto específico de ensino. Em outras palavras, o nível de adequabilidade expressa a menor ou maior probabilidade do material estar de acordo com os objetivos de ensino, com as características e as necessidades da situação-alvo.

Por exemplo, é necessário que se observe os objetivos de ensino, o projeto político pedagógico, o grupo alvo, a realidade social etc. O professor precisa trabalhar baseado na realidade do aluno deixando de lado os modelos prontos e os modismos, principalmente quando se trata da rede pública de ensino onde as dificuldades são diárias dentro e fora de sala de aula. Assim como não há métodos de ensino de línguas perfeitos (BROWN, 2001), também não existem materiais perfeitos. Um bom material pode se tornar o pior dos materiais se usado de forma equivocada, bem como um material ruim pode ser muito interessante nas mãos de um bom professor, que seja capaz de adaptá-lo e explorá-lo de forma mais produtiva para o contexto específico de ensino. Não podemos esquecer que o livro é um auxílio e não deve ser utilizado como único recurso.

De acordo com Littlejohn (2004, p. 192) há ainda outros aspectos que podem ser avaliados em materiais didáticos. Seria possível, por exemplo, avaliar a qualidade do papel e da encadernação, o preço, o layout, o tamanho e o tipo de letra usada. Cada aspecto tem o seu valor, só depende do propósito que se tem na análise.

Segundo Tomlinson (2004, p. 8), o material didático deve ser pensado de forma a manter o aluno tranquilo, pois muitos deixam de aprender quando estão ansiosos, desconfortáveis ou tensos. Para que isso aconteça, é necessário tomar alguns cuidados em relação ao planejamento das atividades. Por exemplo, a maioria dos alunos não se sente muito à vontade com folhas abarrotadas de exercícios. Mas muitos se sentem mais tranquilos quando trabalham com textos ilustrados relacionados a assun-

tos de sua cultura e a sua rotina; com discurso informal; com a voz ativa ao invés da passiva; com temas trabalhados de forma concreta (com exemplos, anedotas) e inclusiva.

O autor ainda afirma que alguns professores para tornar os alunos mais confiantes tentam simplificar o processo, pedindo aos alunos que utilizem linguagem informal para realizar tarefas fáceis. Mas ele não concorda e diz que isso faz com que o aluno não utilize todo o seu potencial e acabe chegando à conclusão de que o que ele faz não se assemelha muito à linguagem real.

Outro ponto importante para Tomlinson (2004, p. 7) em relação ao uso dos materiais didáticos deve ser o impacto que eles causam nos alunos. E isso é facilmente percebido, pois o aluno demonstra interesse, curiosidade e sua atenção ao que está sendo apresentado. Ele também afirma que se isso for alcançado há uma grande chance que boa parte do conhecimento seja internalizada pelo aluno.

Em nossa rotina de sala de aula podemos tornar os materiais mais ou menos impactantes através da apresentação de temas novos (internacionais ou regionais), com ilustrações e cores atrativas; utilizando materiais variados, de diferentes gêneros, de forma a quebrar a monotonia; com conteúdos agradáveis e envolventes etc. Contudo, é fato que o nível de impacto poderá variar dependendo de diversos fatores. Assim, por exemplo, o material utilizado em uma classe no interior de Manaus poderá não causar interesse em alunos que morem no centro de São Paulo devido a questões regionais. E mesmo em uma única classe nem todos poderão sentir-se atraídos pelo mesmo tema. O melhor a fazer é conhecer o grupo com o qual irá trabalhar, bem como os assuntos que lhes interessam.

É possível perceber a diversidade de aspectos que podem ser considerados na avaliação.

4. *Do volumen ao e-book: um pouco de história*

Em plena era digital, cercada de tantas possibilidades tecnológicas para os livros didáticos, é curioso atentar um pouco para o longo e complexo percurso do livro na história. Este percurso tem reflexo direto nos livros didáticos. Vejamos alguns pontos desta história.

Segundo Moreira (2009), a palavra *livro* vem do latim “*liber*” que é usado para designar a camada de tecido abaixo da casca das árvores por onde a seiva flui. O *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Cunha (2010, p. 392) apresenta a palavra *livro* como “porção de cadernos manuscritos ou impressos cosidos ordenadamente”.

A história da escrita aponta que o ser humano tem empregado diversos recursos naturais para registro de sua história, cultura e para transmitir conhecimentos. Pedras, árvores, argila, ossos são alguns destes suportes iniciais para a escrita (MENEZES, 2006; CRYSTAL, 2012). Estes suportes apresentam uma série de dificuldades, especialmente de produção, armazenamento e transporte. A ampla presença dos livros hoje em nossas vidas pode fazer com que estes fatos sejam ignorados.

Vera Lúcia Menezes em seu artigo *História do livro didático* (2009) nos apresenta que os precursores do livro foram o *volumen* e o *codex*. A pesquisadora afirma que;

O *volumen* consistia de várias folhas de papiro coladas que eram enroladas em um cilindro de madeira, formando um rolo. O ato de ler era desconfortável, pois para se localizar um trecho era preciso desenrolar e enrolar o manuscrito. O leitor, com o auxílio das duas mãos, ia desenrolando o *volumen* à medida que a leitura prosseguia. Já o formato do *codex* se aproximava mais do livro atual com várias folhas de papiro ou de pele de animais costuradas. Mas mesmo assim era grande e desconfortável. (MENEZES, 2009, p. 17 e 18)

O desenvolvimento do papel trouxe novas possibilidades e mais praticidade para o armazenamento e transporte, sendo também mais fácil de escrever e aproveitar os dois lados da folha. Logo, o papel pode ser compreendido como uma revolução.

No entanto, foi a invenção da imprensa no século XV que abriu novas perspectivas, em especial a produção em série. Gandelman (2007, p. 26) comenta que:

Com Gutenberg, que inventou a impressão gráfica com os tipos móveis (século XV), fixou-se de maneira definitiva a forma escrita, e as ideias e suas diversas expressões puderam finalmente, e aceleradamente, atingir a divulgação em escala industrial.

Não era mais necessário copiar cada obra. A *tipologia* também contribui para a legibilidade. Enfim, são muitas as novas possibilidades. Assim, ficava mais fácil produzir e reproduzir materiais impressos, o que gerou uma enormidade de gêneros textuais. A imprensa tem sido apontada com frequência como uma das principais criações do homem, com

impactos diversos sobre a linguagem, a cultura, a educação e o progresso como um todo.

Não podemos, no entanto, achar que os livros se popularizaram mundialmente de uma hora para outra.

Menezes (2009, p.19) apresenta uma série de informações interessantes sobre os livros didáticos. Menezes relata que a disponibilidade dos livros era escassa, fazendo com que, no caso do ensino, eles eram mais frequentemente de propriedade do professor. Ela comenta que até o final do século 18 era comum que diferentes livros fossem empregados em uma mesma turma. Ainda segundo a autora as gramáticas foram os primeiros livros didáticos.

A partir do século 19 o livro começa a se popularizar. Além de fatores sociais e econômicos, o desenvolvimento de novas tecnologias de produção, conforme aponta Caldeira (2002):

A partir do século 19, aumenta a oferta de papel para impressão de livros e jornais, além das inovações tecnológicas no processo de fabricação. O papel passa a ser feito de uma pasta de madeira, em 1845. Aliado à produção industrial de pasta mecânica e química de madeira - celulose - o papel deixa de ser artigo de luxo e torna-se mais barato. As histórias, poesias, contos, cálculos matemáticos, ideias e ideais poderiam, a partir de agora, percorrer mares e terras e chegar às mãos de povos que seus autores jamais imaginariam.

No século 20, as discussões sobre os livros em geral e os livros didáticos são diversificadas. No caso dos livros didáticos, o livro que antes possibilita divulgar informação e conhecimentos, é visto criticamente por muitos como um recurso pedagógico que precisa ser analisado e empregado cuidadosamente, para evitar possíveis prejuízos ao processo de ensino/aprendizagem. A praticidade dos livros pode conduzir a um uso muito restritivo e sujeito a direcionamentos políticos e ideológicos. Uma das críticas é que muitos professores se apoiariam demasiadamente nos livros didáticos. O enorme mercado editorial também apresenta questões para debate, entre elas: a qualidade dos materiais e os direitos autorais. Já não basta mais ter o material didático em sala de aula, é necessário zelar pela sua qualidade. Assim, a importância de procedimentos criteriosos de avaliação dos materiais fica bastante evidente.

Choppin (2004, p. 549) aponta o interesse recente por maior compreensão sobre a história do livro e dos livros didáticos. Nas palavras do autor:

Após ter sido negligenciado, tanto pelos historiadores quanto pelos bibliógrafos, os livros didáticos vêm suscitando um vivo interesse entre os pesqui-

sadores de uns trinta anos para cá. Desde então, a história dos livros e das edições didáticas passou a constituir um domínio de pesquisa em pleno desenvolvimento, em um número cada vez maior de países...

No campo de ensino de línguas, Vilaça (2009) destaca que ainda são poucos os trabalhos sobre os livros didáticos, especialmente no que se refere à sua elaboração.

Hoje, no século 21, devido aos avanços e à popularização das tecnologias digitais, os livros eletrônicos (PROCÓPIO, 2010) tem atraído crescente interesse, que se reflete também nos materiais didáticos. Mais que a disponibilização de materiais didáticos em formatos digitais diversos, as possibilidades de livros digitais que explorem recursos tecnológicos interativos, multimodais e multimídias devem ser pesquisadas. Logo, o *e-book* não pode ser visto de forma reducionista como consumo de leitura.

5. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi proporcionar uma visão geral sobre materiais didáticos, seu conceito, evolução e importância. Diante do que foi aqui mencionado, percebeu-se que o livro didático pode ser um instrumento eficiente, mas que compete ao professor o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem. Não podemos nos esquecer de que apesar de todo o avanço tecnológico que alcançamos o livro didático continua sendo o principal recurso utilizado em sala de aula. As tecnologias podem sim ampliar as possibilidades dos materiais didáticos (VILAÇA, 2011), seja na forma de materiais didáticos digitais, seja em materiais suplementares.

É também de extrema importância que se faça uma prévia avaliação do material que será utilizado, levando em consideração vários fatores como a realidade social do grupo, o projeto político pedagógico, os objetivos do curso, as necessidades do grupo, etc. Salientamos ainda que o professor deve sempre buscar instrumentos e recursos que venham a enriquecer a sua prática pedagógica, de forma a contribuir para a uma educação crítica e consciente.

Esperamos de alguma forma, ter contribuído para o esclarecimento do tema. E, principalmente, que tenhamos provocado a curiosidade de outros pesquisadores da área para que novas investigações e reflexões surjam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. San Francisco: Longman, 2001.

CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. *Espaço Aberto*, n. 24, 2002. Disponível em:

<<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>>. Acesso em: 31-07-2012.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CRYSTAL, D. *Pequeno tratado sobre a linguagem humana*. São Paulo: Saraiva, 2012.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNNINGSWORTH, A. *Choosing your coursebook*. Oxford: Heineman, 1995.

GANDELMAN, H. *De Gutenberg à Internet: direitos autorais das origens à era digital*. 5. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2007.

LITTLEJOHN, A. The Analysis of Language Teaching Materials: inside The Trojan Horse. In: TOMLINSON, B. (Ed.). *Materials development in language teaching*. 7ª impressão. Cambridge: CUP, 2004.

MENEZES, V. L. História do material didático. In: CRISTOVÃO, V. L., DIAS, R. *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MOREIRA, H. H. O uso do livro didático nas práticas pedagógicas. *Webartigos*. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/ouso-do-livro-didatico-na-pratica-pedagogica/29076>>. Acesso em: 05-07-2012.

PROCÓPIO, E. *O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais*. São Paulo: Giz, 2010.

TÍLIO, R. O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. UNIGRANRIO. 2008. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/33/71>>. Acesso em: 04-07-2012.

TOMLINSON, B. Introduction. In: TOMLINSON, B. (Ed.). *Materials development in language teaching*. 7ª impressão. Cambridge: CUP, 2004.

VILAÇA, M. Materiais didáticos de língua estrangeira: aspectos de análise, avaliação e adaptação. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Unigranrio. 2008. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/1058/609>>. Acesso em: 06-07-2012.

VILAÇA, M. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Unigranrio. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/653/538>>. Acesso em: 03-07-2012.

VILAÇA, M. L. C. Web 2.0 e materiais didáticos de línguas: reflexões necessárias. *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/90.pdf>.